

VERTIGENS DO EU

autoria, alteridade e autobiografia na obra de
Fernando Pessoa



VERTIGENS DO EU

autoria, alteridade e autobiografia na obra de
Fernando Pessoa

Lisa Carvalho Vasconcellos



© Relicário Edições
© Lisa Carvalho Vasconcellos

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

V45v

Vasconcellos, Lisa.

Vertigens do eu : autoria, alteridade e autobiografia na obra de Fernando Pessoa / Lisa Carvalho Vasconcellos. - 1. ed. - Belo Horizonte, MG : Relicário, 2013.

160 p. : il.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-66786-02-6

1. Pessoa, Fernando, 1888-1935 - Crítica e interpretação. 2. Literatura - História e crítica. I. Título.

13-02665

CDD: 869.8

CDU: 821.134.3-94

PRODUÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos
CAPA, PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO Ana C. Bahia
REVISÃO Lucas Morais

RELICÁRIO EDIÇÕES
www.relicarioedicoes.com
contato@relicarioedicoes.com

| | |
|---------------------------------------|-----|
| Prefácio | 11 |
| Cena inicial | 17 |
| 1 Pessoa/Pessoas | 23 |
| 1.1 Quando fui outro | 23 |
| 1.2 Mitologias | 32 |
| 1.2.1 Autor/Autores | 41 |
| 2 O eu como ficção | 47 |
| 2.1 'Mal de arquivo': O acervo Pessoa | 47 |
| 2.2 Cartas e depoimentos | 51 |
| 2.3 Vertigens do eu | 65 |
| 2.4 Eu, personagem | 72 |
| 3 Três máscaras | 79 |
| 3.1 Olhei para as cousas e mais nada | 82 |
| 3.2 Sentir tudo de todas as maneiras | 92 |
| 3.3 Quero versos que sejam como joias | 101 |
| 4 Um, nenhum, cem mil | 111 |
| 4.1 Vertigens do eu (II) | 113 |
| 4.2 Pobre velha música | 119 |
| 4.3 Sozinho no parque | 130 |
| 4.4 O que é um autor? | 142 |
| O legado Pessoa | 147 |
| Bibliografia | 153 |



Para Gustavo Silveira Ribeiro e Fausto Bueno Vasconcellos



AGRADECIMENTOS

O presente livro é resultado da minha tese de Doutorado defendida em junho de 2011. Durante os quase cinco anos do processo que levou a redação do texto que agora aqui se publica, recebi apoio e ajuda de inúmeras pessoas. Seria impossível listá-las todas aqui, de modo que vou mencionar apenas algumas em especial.

Agradeço, portanto, a Fábio de Souza Andrade, Marcus Vinícius de Freitas e Fernando Cabral Martins pelas orientações, pelos conselhos e pela amizade. Agradeço à minha família, Daniela, Patrícia e Nilma de Carvalho Vasconcellos pelo carinho e pelo apoio irrestrito. Dentre os amigos é preciso mencionar Carolina Perpétuo Correia, Victor Coelho, Daniela e Antônio Viola que estiveram sempre disponíveis para conversas e discussões estimulantes que muito me ajudaram.

Agradeço também ao CNPq, Conselho Nacional de Pesquisa e a CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelas bolsas recebidas no Brasil e no exterior.



ONDE ESTÁ O AUTOR?

Marcus Vinicius de Freitas

Professor Titular de Teoria da Literatura (UFMG)

Este livro constitui um estudo de caso sobre um dos mais controversos temas da Teoria da Literatura, qual seja o papel do autor em relação à própria obra. Para além da beleza incontornável de seus poemas, e do encantamento ficcional de seus personagens-poetas, a obra de Fernando Pessoa se estrutura de maneira tal que a investigação sobre a autoria nela encontra vasto terreno em que se desenvolver, uma vez que, como sabemos, lá se encontra, entre os personagens-poetas, uma assinatura que possui o mesmo nome do autor, figura que ele mesmo denominou “ortônimo”, por contraste (e não por oposição) aos outros, qualificados como “heterônimos”.

A história da crítica sobre a obra pessoana, no que concerne ao lugar ocupado pela figura do autor, tem sido marcada por dois extremos. O primeiro deles deriva do início do processo de reunião e edição das obras pessoanas, poucos anos depois de sua morte, processo em que a geração da revista *Presença* ocupa lugar central. Os editores presencistas – José Régio, Adolfo Casais Monteiro e João Gaspar Simões – insistiram em ler a poesia multifacetada de Pessoa como um caso de inspiração genial, à maneira de Wordsworth ou de Keats, o que, por consequência, levaria a uma dedicação total do autor à obra, através da romântica entrega do sujeito ao ato criador. As fontes para essa leitura, claro, foram dadas pelo próprio Pessoa, através das famosas “Palavras de pórtico”, fragmento sem data no qual se pode ler que “Viver não é necessário; o que é necessário é criar”. Sob esse ponto de vista, cristalizou-se toda uma visada crítica sobre a obra do poeta que insistiu, e

ainda insiste, em tomá-lo como sujeito-poesia, misantropo por escolha de gênio, voz lírica alheia ao mundo e resguardada na solidão do ato criador. Essa linhagem crítica pode ser comprovada, por exemplo, no conjunto dos trabalhos de Casais Monteiro sobre a obra de Pessoa,¹ mas possui o seu cume na biografia crítica, de fundo psicologizante, escrita por Gaspar Simões.² Eduardo Lourenço, com sua psicanálise mítica da cultura e sua insistência no mito como operador conceitual aplicado à obra pessoana também contribuiu para a permanência dessa visão.³ Em recente estudo, George Monteiro nos brinda com uma importante análise das consequências críticas da visada presencista sobre a obra de Fernando Pessoa, na qual o autor explica os seus fundamentos e desmitifica as suas consequências, processo que vem ganhando corpo na revisão da bibliografia crítica sobre o poeta português.⁴

O outro extremo da abordagem sobre o tema da autoria na obra pessoana constituiu uma espécie de reversão pendular da proposta presencista. Onde antes se via o autor-gênio, dedicado unicamente à composição da obra e ancorado em um excesso de subjetividade que tudo abarca, agora se via o sujeito vazio, constituído apenas de máscaras de linguagem, cascas de cebola sem qualquer centro. Aqui devemos lembrar a fortuna de estudos, hoje clássicos, como os de Leyla Perrone-Moysés, José Augusto Seabra, Benedito Nunes e Octavio Paz, entre outros.⁵ Essa poderosa vertente crítica conta ainda hoje com continua-

1. MONTEIRO, Adolfo Casais. *Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro, Agir, 1958.

2. SIMÕES, João Gaspar. *Vida e Obra de Fernando Pessoa*. Lisboa: Bertrand, 1951.

3. Ver, entre outros trabalhos do mesmo autor, LOURENÇO, Eduardo. *Fernando Pessoa revisitado*. Leitura estruturante do drama em gente. Lisboa: Moraes Editores, 1973; e LOURENÇO, Eduardo. *O lugar do anjo*. Lisboa: Gradiva, 2004.

4. Ver MONTEIRO, George. *As paixões de Pessoa*. Lisboa: Ática, 2013, em especial o capítulo 1, que reconstrói a imagem de Pessoa como um poeta atuante em seu tempo; e o capítulo 7, que aborda diretamente os efeitos da edição da obra de Pessoa pelos presencistas.

5. Ver NUNES, Benedito. Os outros de Fernando Pessoa. In: *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969; PAZ, Octavio. Fernando Pessoa, o desconhecido de si mesmo. In: *Signos em rotação*. São Paulo, Perspectiva, 1972; PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Fernando Pessoa: além do eu, aquém do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1982; SEABRA, José Augusto. *Fernando Pessoa ou o poetodrama*. São Paulo: Ática, 1974.

dores como, por exemplo, os trabalhos de José Gil.⁶ A noção autoral que informa toda essa direção de pesquisa é a distinção barthesiana entre “écrivain” e “écrivain”. Se o primeiro se conforma em ser um burguês realista, o segundo é o homem da negatividade, que se constitui apenas em meio para que a linguagem expresse a si mesma. Esse “escrevente” barthesiano não é nem criador, nem autoconsciente, mas apenas um meio através do qual o texto emerge como espetáculo linguístico a ser continuamente contemplado. Foi José Guilherme Merquior quem cedo apontou a impropriedade dessa visão pós-moderna do autor quando aplicada sobre Fernando Pessoa. Nas palavras do crítico,

(...) poderíamos dizer que, enquanto que o *humor* dominante de Pessoa tende para o desalento romântico, o seu espírito permanece profundamente marcado pela tradição racional conquistadora e pela sua indagação crítica. (...) Por outro lado, certa crítica contemporânea, muito apegada a Pessoa tende às vezes a declarar ou insinuar que o maior mérito de sua superação do Romantismo reside numa espécie de dispersão dionisíaca, de diluição do sujeito – e, nesta perspectiva, quanto mais negativista parecer, melhor. Mas dir-se-ia que há qualquer coisa de errado nesta imagem pós-moderna de Pessoa. É uma imagem pouco equilibrada, pois tende a omitir ou ignorar as ironias sutis que o desmembramento heteronímico implica.⁷

Merquior chama a nossa atenção para o fato de que é mesmo enquanto poeta moderno – nem gênio romântico, nem écrivain barthesiano –, que Pessoa revela a grandeza de sua obra, na qual a ironia constitui um elemento que desloca constantemente qualquer tentativa de submeter essa obra a qualquer um dos dois polos antes apontados.

Nesse sentido é que o presente trabalho de Lisa Vasconcellos se configura como uma sugestiva contribuição à crítica pessoana, em particular, e ao tema da autoria, em geral. Em ensaio anterior, a autora

6. GIL, José. *Diferença e negação na poesia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000; GIL, José. *O devir-eu de Fernando Pessoa*. Lisboa: Relógio D'Água, 2010.

7. MERQUIOR, José Guilherme. O lugar de Pessoa na poesia moderna. *Colóquio/Letras*. 108, Mar. 1989, p. 39.

já demonstrara seu gosto pela investigação das instâncias de comunicação entre a estrutura interna da obra literária e o mundo exterior, ao investigar o lugar do leitor no romance *Grande Sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa.⁸ Como uma espécie de complemento à sua investigação do papel do leitor na obra literária, Lisa Vasconcellos se volta agora para o oposto especular do leitor, qual seja o autor. Em ambos os casos, trata-se de investigar a ambiguidade na localização dessas duas instâncias estruturantes da obra literária.

O trabalho de Lisa Vasconcellos sobre Fernando Pessoa parte de uma metáfora posicional, analisando um quadro do pintor barroco espanhol Francisco Zurbarán, intitulado “O Nascimento da Virgem”, no qual um grupo de mulheres se volta para a interioridade da cena, enquanto uma única personagem ali presente olha para fora do quadro e indaga com seu olhar o espectador que mira a tela. Essa personagem localiza-se ao mesmo tempo dentro e fora da narrativa do quadro. Seu olhar é irônico, e parece tecer um comentário não sobre a cena, mas sobre a curiosidade do espectador/leitor do quadro.

Essa personagem serve à autora como metáfora de sua análise do lugar do ortônimo no conjunto da obra de Fernando Pessoa. Estando inserida na obra, a voz ortônima ao mesmo tempo olha para fora da obra, e a coloca ironicamente à disposição do leitor. Assim fazendo, Lisa matiza tanto as visões românticas quanto as pós-modernas sobre Pessoa. Nem um gênio identificado à obra, nem um escrevente sujeito vazio. À distância dos dois extremos, a autora destaca o valor positivo da ambiguidade posicional da voz ortônima. Essa visão é especialmente significativa porque segue a contrapelo da postura crítica vigente, que inclui o ortônimo como apenas mais um personagem na *cóterie* pessoana. Para a autora, o ortônimo porta de uma dupla natureza, e compartilha, ao mesmo tempo, o estatuto de autor e de personagem. A autora chega à verdadeira heresia crítica (para os padrões da crítica barthesiana de Pessoa) ao dizer que “(...) *essa figura procura representar uma realidade extraliterária, a experiência do próprio Fernando Pessoa enquanto autor.*”

8. VASCONCELLOS, Lisa Carvalho. *Figurações da leitura: um estudo sobre o papel do narratário em Grande sertão: veredas*. São Paulo: Scortecchi, 2008.

Sob esse ponto de vista, a voz ortônima constitui uma tematização da figura do autor dentro da obra. Fernando Pessoa é autor e é personagem. Não pode ser lido apenas como personagem, como quer a crítica antiautoral, pois seu lugar extrapola o mundo imaginário de sua ficção; mas, igualmente, não pode ser lido apenas como autor, porque a sua experiência autoral foi transformada em matéria poética. E é por isso, conclui corretamente a autora, que “*Fernando Pessoa se legitimou em sua obra não só como autor, mas também como personagem e enquanto tal aparece em outras obras literárias fazendo coisas nem sempre inspiradas por seu eu civil, histórico*”.

O trabalho de Lisa Vasconcellos recupera para a Teoria da Literatura a figura do autor, não como instância de determinação da verdade da narrativa ou do poema, mas como instância de negociação entre escrita e leitura. De resto, essa era uma perspectiva que o próprio autor já havia colocado em poemas tais como “Autopsicografia” e “Isto”, cuja dimensão irônica passou despercebida tanto aos cultores do gênio, quanto aos cultores da morte do autor.

O leitor tem em mãos, portanto, uma saudável prova de que a literatura não pode nunca ser enclausurada em teóricas camisas de força. O autor Fernando Pessoa sai renovado dessa leitura, assim como o leitor do trabalho de Lisa Vasconcellos sairá também deste texto com uma concepção renovada da força da própria literatura.

Amherst, Massachusetts, Maio de 2013.